



NUNO CARMANEIRO
Universidade de Aveiro
nfc@ua.pt

UMBERTO ECO E A LONGITUDE

Uma viagem com Umberto Eco à procura da solução para o problema da longitude.

Umberto Eco é um verdadeiro “príncipe das letras” – romancista, filósofo, linguista, especialista da Idade Média e noto bibliófilo, é ainda o presidente da Escola Superior de Estudos Humanísticos da Universidade de Bolonha. Os seus romances, muitos deles ditos “históricos”, são grandes ensaios narrativos que exploram sobretudo as questões do tempo e da construção da memória, mas também o relacionamento entre o conhecimento científico e o mundo religioso.

No romance *A Ilha do Dia Antes*, publicado em 1994, seguimos a vida atribulada de Roberto de la Grive, um náufrago nos mares do sul que encontra um navio abandonado e ali se refugia. A algumas milhas do navio, Roberto consegue avistar uma ilha, próxima mas infinitamente distante, já que ele não sabe nadar e todos os métodos alternativos de navegação redundam em fracasso.

A história decorre no ano de 1643 e acabamos por descobrir que tanto o navio inicial onde viajava Roberto como o *Daphne*, onde se refugiou, tinham por missão encontrar o *punto fijo*, nome dado ao antimeridiano de Greenwich.

Umberto Eco descreve os vários métodos propostos ao tempo para resolver o problema da longitude, incluindo um

particularmente bizarro que faz uso do “pó da simpatia”, uma substância que aplicada no país de origem a um punhal que tinha ferido um cão, o faria latir de dor onde quer que se encontrasse. A ferida do pobre animal era mantida aberta durante a viagem e os seus latidos indicavam que alguém estaria a fazer uso da substância à hora pré-definida.

Num dos momentos mais poéticos e complexos do livro, Gaspar, um padre jesuíta que se escondia no barco, faz uma tentativa de atingir a ilha com um aparelho submersível. Roberto observa a ilha que acreditava situar-se do outro lado do antimeridiano e, como tal, do outro lado da linha das datas, e duvida da possibilidade de alguma vez voltar a vê-lo:

“Mas claro, o padre Gaspar bem lhe dissera, a Ilha que ele via diante de si não era a Ilha do dia de hoje, mas sim a de ontem... .. Podia esperar ver agora naquela praia, onde era ainda ontem, uma pessoa que descera para a água hoje?... .. E como todo o prodígio do meridiano se joga entre o ontem e o amanhã, e não entre o ontem e o depois de amanhã, ou amanhã e anteontem, agora já tinha a certeza de que daquele mal o padre Gaspar nunca mais sairia.”